

---

**Faculdade de Tecnologia de Americana “Ministro Ralph Biasi”**

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”**

**Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda**

**Lohaine De Lima Ferreira**

**O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DA ROUPA DE GRIFES DE MODA BRASILEIRAS**

**AMERICANA, SP  
2021**

**LOHAINE DE LIMA FERREIRA**

**O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DA ROUPA DE GRIFES  
DE MODA BRASILEIRAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/Americana.**

**Área de concentração: Moda**

**Orientadora: Professora Dra. Nancy de Palma Moretti**

**AMERICANA, SP  
2021**

**LOHAINE DE LIMA FERREIRA**

**O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DA ROUPA DE  
GRIFES DE MODA BRASILEIRAS**

**Trabalho de graduação apresentado  
como exigência parcial para obtenção  
do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda  
pelo CEETEPS/Faculdade de  
Tecnologia – FATEC/Americana.**

**Data de aprovação: dezembro de 2021.**

**Banca Examinadora:**

---

**Nancy de Palma Moretti  
Professora Doutora  
Faculdade de Tecnologia de Americana, SP**

---

**João Batista Giordano  
Professor Doutor  
Faculdade de Tecnologia de Americana, SP**

---

**Maria Adelina Pereira  
Professora Mestre  
Faculdade de Tecnologia de Americana, SP**

Dedico este trabalho:

A Deus, por ser essencial em minha vida;

Aos meus amados pais, Carlos Roberto e  
Maria Aparecida;

A minha irmã, Tatiana Lima.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Agradeço a minha mãe, Maria Aparecida, que encheu meu coração de amor e esperança, que fez de tudo para tornar os momentos difíceis mais brandos. Também sou grata ao meu pai, Carlos Roberto, que me proporcionou a tranquilidade e o conforto que tanto precisava para vencer esta etapa. Sem a força de vocês eu não conseguiria seguir em frente. Obrigada por estarem sempre ao meu lado. A minha gratidão ultrapassa qualquer palavra, é um sentimento que emociona e enche a alma de amor. Obrigada, por tudo, esse diploma também pertence a vocês.

A minha irmã, Tatiana Lima, por estar ao meu lado e por me fazer ter confiança nas minhas decisões.

A minha avó, Domingas, que cumpriu sua missão neste plano de uma forma grandiosa, deixando como herança todo amor, todo ensinamento, todo exemplo de força e grandeza que alguém pode deixar. Onde quer que esteja, hoje, ela está orgulhosa! Eu sempre serei grata, por ter tido a honra de conviver contigo, minha rainha!

Aos meus tios, Domingos e Zeca, por todo apoio moral e financeiro.

Agradeço a você tio, Edvaldo, que não pôde estar ao meu lado neste momento tão importante, mas que sempre torceu muito por mim.

À Faculdade quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

A todos os professores, mestres que acrescentaram na minha vida acadêmica, e principalmente a professora Nancy de Palma Moretti, grande professora e orientadora. Agradeço por sua confiança e incansável dedicação. Manifesto aqui minha gratidão eterna por compartilhar sua sabedoria, o seu tempo e sua experiência.

Também agradeço a todos os meus colegas de curso, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante estes anos.

Por fim, mas não menos importante, meu eterno agradecimento a todos vocês que tiveram sua liberdade roubada e atravessaram um oceano a força. Que chegaram numa terra completamente estranha na posição de escravos, mas que apesar de todas as dificuldades, sobreviveram e souberam transportar um pouco de seus

costumes adiante, mesmo com grande perseguição. A todos vocês que, mesmo livres pela Lei Áurea, tiveram que aguentar outras provações pelas quais qualquer população marginalizada passa. Enfim, a todos vocês que fizeram o samba, a capoeira, as religiões afro-brasileiras serem patrimônio imaterial do povo brasileiro, como outras colaborações importantes de pessoas vindas de todos os cantos do mundo e ajudaram assim, o Brasil ser Brasil.

*“Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo...olham para os nossos corpos nos diminuindo, investigam se debaixo do turbante tem droga ou piolho, negam a nossa existência”*

*(Marielle Franco)*

## RESUMO

A moda afro-brasileira é capaz de relacionar, integrar e aproximar imagens, pessoas e objetos, valorizando vivências e por consequência construindo identidades a partir da apropriação e da modernização de bens materiais e simbólicos. O objetivo deste estudo é expor quais são as características e objetos que identificam a moda afro-brasileira através de estilistas brasileiros que fortalecem cada vez mais esse estilo como identidade cultural, com o intuito de empoderar mulheres negras através da roupa. A metodologia foi elaborada através de análise bibliográfica e de entrevistas qualitativas com estilistas que atuam no setor da moda afro-brasileira. A pesquisa indica que as estilistas buscam referências étnicas africanas nos antepassados para desenvolver a moda afro-brasileira, além de desenvolverem suas coleções voltadas para suas próprias experiências pessoais, suas histórias, valores e até mesmo seus papéis sociais vinculados ao produto de moda, com objetivo de trazer essa representatividade ao seu público-alvo. Dentre os elementos mais utilizados destacam-se as cores e estampas bem chamativas que remetem ao africanismo, as modelagens mais amplas, e uso de turbantes e amarrações, no qual é mantido como referência étnica na moda afro-brasileira pelos estilistas. Podendo assim dar o devido valor, a esta cultura que faz parte dos pilares culturais brasileiros, mas é pouco conhecida, divulgada e apreciada.

Palavras - chave: Moda. Afro-brasileiro. Identidade.



## **ABSTRACT**

Afro-Brazilian fashion can relate, integrate and bring together images, people and objects, valuing experiences and consequently building identities based on the appropriation and modernization of material and symbolic goods. This study aims to expose the characteristics and objects that identify Afro-Brazilian fashion through Brazilian designers who increasingly strengthen this style as a cultural identity, to empower black women through clothing. The methodology was elaborated through bibliographic analysis and qualitative interviews with designers working in the Afro-Brazilian fashion sector. The research indicates that designers seek African ethnic references in ancestors to develop Afro-Brazilian fashion, in addition to developing their collections directed on their personal experiences, their stories, values and even their social roles linked to the fashion product, to bring this representation to their targeted audience. Among the most used elements stand out the colors and very flashy prints that refer to Africanism, the broader models, and the use of tassels and moorings, which is maintained as an ethnic reference in Afro-Brazilian fashion by designers, thus giving due value to this culture that is part of the Brazilian cultural pillars, but is little known, disseminated, and appreciated.

Keywords: Fashion. African-Brazilian. Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uma mulher negra usando turbante, representando apropriação.....	30
Figura 2 - Uma mulher branca utilizando seu cabelo com tranças e textura afro.....	34
Figura 3 - Apropriação cultural presente na religião brasileira umbanda. ....	37
Figura 4 - Apropriação cultural representada a partir da dança, a Capoeira Angola. Um estilo original da dança praticada pelos escravos em sua chegada ao Brasil. ....	37
Figura 5 - Apropriação cultural presente na moda. Vestido de noiva, com elementos da cultura africana, desenvolvido por um projeto pelo ateliê Xongani.....	38
Figura 6 - Símbolo Adinkra Gyen Nyame.....	39
Figura 7 – Michelle Fernandes fundadora da Boutique de Krioula, investe nas cores, estampas e acessórios que remetem ao africanismo. ....	44
Figura 8 – Goya Lopes fundadora da grife Didara, investe em cores fortes, temas culturais que contam histórias da diáspora africana e produção artesanal. ....	44
Figura 9 - Carol Barreto, investe nas cores, estampas e símbolos africanos nas suas coleções, modelagem e acessórios que remetem a negritude. ....	45
Figura 10 – Loo Nascimento fundadora da Dresscoração, investe em cores, estampas e texturas nacionais, que tenham conexões com a estética das estampas africanas. ....	45
Figura 11 - Michelle Fernandes ensinando amarrações com o turbante da marca Boutique de Krioula.....	47
Figura 12 - Michelle Fernandes utilizando o brinco do continente africano da marca Boutique de Krioula.....	48
Figura 13 – Mulheres usando turbante, para uma campanha publicitária trazendo apropriação cultural.....	49
Figura 14 – Mulher negra utilizando o turbante da marca Boutique de Krioula em seu dia a dia.....	50
Figura 15 – Loja física Dindara criada por Goya Lopes. ....	51
Figura 16 – Artefatos da grife Dindara criados por Goya Lopes.....	52
Figura 17 – Camiseta com frase de empoderamento feminino criada por Loo Nascimento. ....	54
Figura 18 – Camila Pitanga e Loo Nascimento utilizando um dos looks da Dresscoração. ....	55
Figura 19 – Carolina Barreto em mostra canadense onde homenageou Iemanjá. ...	56

Figura 20 – Ensaio da coleção linhas vivas por Carol Barreto, apresentada na Dakar Fashion Week em Senegal. ....	58
Figura 21 - Carol Barreto apresentando a coleção Vozes no Black Fashion Week Paris. ....	59

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>Objetivos .....</b>	<b>14</b>
1.1.1	Objetivo Geral .....	14
1.1.2	Objetivos Específicos.....	14
<b>1.2</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>15</b>
<b>1.3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>A ORIGEM DO POVO AFRO BRASILEIRO .....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE E O PRECONCEITO DE GÊNERO E RAÇA .....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>A INFLUÊNCIA NEGRA NA FORMAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA .....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>APROPRIAÇÃO CULTURAL.....</b>	<b>33</b>
<b>6</b>	<b>APRESENTAÇÃO DAS MARCAS E APROPRIAÇÃO CULTURAL .....</b>	<b>42</b>
6.1	Boutique de Krioula .....	46
6.2	Goya Lopes.....	50
6.3	Dresscoração.....	53
6.4	Carol Barreto .....	55
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Trabalho de conclusão de curso realizado para obtenção de título de Tecnologia em Têxtil e Moda, na Faculdade de Tecnologia de Americana, em 2021. Com objetivo de analisar as grifes de moda brasileiras que empoderaram mulheres negras através da roupa no cenário atual do Brasil.

A cultura brasileira possui diversas raízes em sua construção, sendo a maior influência vinda das etnias indígenas que já habitavam o país quando a segunda etnia, a portuguesa, chegou nas terras brasileiras. E, por causa das necessidades da época, uma terceira etnia foi trazida para o Brasil, a etnia negra, representada por escravos transportados da África para trabalhar neste país.

Diante disso, a essência da cultura brasileira foi construída a partir dessa tríade cultural, que segundo Darcy Ribeiro (1995), é uma cultura própria que já não era mais nativa, europeia ou africana, uma cultura consequente do processo de desenvolvimento da nação brasileira.

Esta nação, mesmo sob a influência de povos indígenas e negros, ainda não se consolidou socialmente com essas etnias, necessitando ainda de políticas públicas que garantam o respeito e a igualdade de direitos.

A população negra no Brasil, atualmente, continua sofrendo preconceito e são vítimas de racismo, muitas vezes por apenas fazerem uso de algo que faz parte da cultura africana, como um turbante, por exemplo. Isto é, uma peça da moda africana que os descendentes trouxeram para o Brasil quando vieram para o país escravizados. Para a sociedade, quando uma mulher branca faz uso de um acessório que está na moda, é considerado algo incrível e uma proposta de tendência. No processo de desenvolvimento desta compreensão a realidade, há ausência de material bibliográfico, o que nos obriga a adaptar esta metodologia, embora é possível observar em nosso cotidiano toda esta situação.

Ao analisar os conceitos de cultura, identidade e apropriação cultural, compreendemos então parte da história entre a África e o Brasil. Um motivo imprescindível para o estudo dos elementos da cultura brasileira, que são a apropriação cultural transferida da cultura africana, uma cultura própria, entretanto com elementos de todo o mundo que se desenvolveu na história do país.

Sobre cultura brasileira, pode-se observar que há apropriação cultural em tudo. Ou seja, é quase impossível que algum indivíduo conviva limitado a sociedade da qual faz parte, a cultura a qual pertence. Isso é compreendido quando vemos mulheres negras usando jeans, que segundo a história teve origem na França, o futebol trazido pelos europeus, mas praticado em quase todos os países, e tudo isso se dá a apenas um fato, de que as culturas estão se moldando ao passar dos dias.

É desempenhado também, uma análise sobre os elementos e símbolos trazidos da África, que já estão presentes em nossa cultura, e neste caso sendo utilizados pelas três grifes exploradas nesta monografia.

As marcas baianas, Boutique de Krioula, Goya Lopes, Dresscoração e Carol Barreto são analisadas a partir do início de suas histórias, onde ambas possuem semelhanças. Através de entrevistas já prontas e pesquisadas, conclui-se que as marcas nasceram devido ao desejo de uma mulher negra de vestir mais do que uma simples peça de roupa de departamento, e sim uma identidade, algo que se comunique com seu corpo, trazendo de volta esse poder que a mulher negra brasileira possui dentro de si.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Analisar grifes de moda brasileiras que empoderaram mulheres negras através da roupa.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Analisar conceito de cultura, identidade, dos símbolos africanos introduzidos na cultura brasileira e apropriação cultural;
- Analisar objetivo das grifes Boutique de Krioula, Goya Lopes, Dresscoração e Carol Barreto;
- Analisar de que forma as mulheres negras são representadas através das marcas;
- Analisar a identidade da mulher negra brasileira do século XXI (2000 – 2021).

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa para a realização deste trabalho se dá devido à carência bibliográfica no campo acadêmico que se dedique ao entendimento da relação entre as ciências sociais e a moda afro-brasileira mais especificamente.

Busca-se entender sobre a história da mulher negra na sociedade em que vive, desde os primórdios da escravidão aos tempos atuais. A mulher negra que foi calada por muitos anos, finalmente foi ganhando seu espaço no mundo, mesmo que em muitos casos como símbolo sexual, mas também como uma pessoa forte, que lutou e conquistou seu lugar.

Em uma cultura de dominação e antintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração (BARRETO, 2014).

Portanto, essa mulher que foi se desenvolvendo dentro de uma sociedade racista, neste caso o Brasil, foi conquistando seu espaço e se empoderando. E ainda que não tenha alcançado todos seus objetivos, está sempre lutando contra o preconceito, combatendo o racismo, o machismo, a violência contra a mulher, pois nunca mais ficará calada diante da injustiça.

E com essa altura e esse poder de não aceitar o que não é mais cômodo, as mulheres negras procuram as coisas mais simples e complexas, serem vistas e serem ouvidas. Por exemplo, na moda, muitas consumidoras procuram o que vai de encontro às suas necessidades, com corpos ergonomicamente diferentes das mulheres brasileiras brancas, pois não se contentam em consumir o que é destinado exclusivamente ao padrão de mulher brasileira branca.

Surgem então, marcas nacionais específicas para mulheres negras, com diversas modelagens, cores e estampas que representam e comunicam algo, acessórios e padrões exclusivos que remetem à cultura africana, no qual as marcas assumiram para atender essas consumidoras. Analisando essas grifes de moda afro-brasileira, busca-se entender como são explorados esses elementos que caracterizam essa moda levando em conta a apropriação cultural e a identidade das próprias estilistas que criam as roupas e como eles materializam suas histórias pessoais,



vivências e sua cultura nas suas coleções, nos acessórios, nos penteados ou mesmo no comportamento, com o objetivo de transpassar essa representatividade e empoderamento as suas consumidoras.

### **1.3 METODOLOGIA**

Para o alcance dos objetivos propostos, inicialmente foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre a temática proposta. Segundo Antônio Carlos Gil (2008), este tipo de pesquisa caracteriza a abordagem científica, pois é realizada a partir de estudos já realizados, permitindo a coleta de materiais teóricos consistentes e de acordo com o objetivo através de livros, artigos e periódicos científicos.

Este trabalho foi realizado através de pesquisa online e bibliográfica, com autores brasileiros, entrevistas com profissionais da área de moda, no cenário afro nacional, proprietárias de marcas afro brasileiras Boutique de Krioula, Goya Lopes, Dresscoração e Carol Barreto, usuárias das marcas abordadas que entendem e fazem parte deste ambiente, com a cultura e os costumes africanos, em sua originalidade.

Procura-se os conceitos básicos de cultura, identidade, cultura negra, escravidão, apropriação cultural, elementos e signos, no qual dão origem as perguntas mais complexas que necessitavam de respostas para que pudesse prosseguir com o andamento desta pesquisa, mas que só poderiam ser respondidas por mulheres negras que estivessem no mercado nacional de moda voltada para esta etnia.

Previa-se já no início desse estudo que este trabalho não seria fácil, devido ao pouquíssimo material bibliográfico que aborda especificamente a moda africana dentro da história do mundo da moda, ao contrário de outras regiões, onde há mais dessa documentação, como Europa, América do Norte e países como China.

Após a abordagem dos referenciais teóricos sobre moda afro-brasileira, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo para complementar a pesquisa bibliográfica e tornando-se assim a decisão de limitar o estudo a alguns produtores de maior representatividade dentro do segmento e entrevista-los. Foram utilizadas entrevistas já realizadas pelo site Geledés, um site voltado exclusivamente para pessoas negras, com as grifes baianas, Boutique de Krioula, Goya Lopes, Dresscoração e Carol Barreto. As entrevistas foram o ponto principal para que fosse possível estabelecer uma conexão entre teoria, experiência e compreensão do

assunto. A partir de então, outros meios de referências, como livros e monografias já prontas, foram utilizados para que as perguntas fossem respondidas e que houvesse compreensão e interpretação correta das palavras usadas.

Busca-se entender o estilo de vida das consumidoras das marcas, por mais que já se tenha em mãos o público alvo citado pelas grifes. É elaborado uma pesquisa sobre a vida dessa mulher, desde antigamente quando sofria com o preconceito e o racismo sem poder expressar suas raízes, até os dias atuais, onde pode fazer uso e abuso dos elementos de sua cultura através das marcas estudadas. Neste momento, há uma conexão muito maior do que apenas vestir, é compreensível que a comunicação através do vestuário tenha mais presença do que a estética visual produzida pelas marcas.

## 2 A ORIGEM DO POVO AFRO BRASILEIRO

A escravidão, é denominada como o sistema de trabalho no qual o indivíduo (o escravo) é propriedade de outro, podendo ser vendido, doado, emprestado, alugado, hipotecado, confiscado. Legalmente, o escravo não tem direitos: não pode possuir ou doar bens e nem iniciar processos judiciais, mas pode ser castigado e punido (GELEDES, 2016).

Não há registros exatos sobre a chegada dos primeiros escravos ao território brasileiro. Entretanto, afirma-se que eles eram capturados em suas terras na África e transportados à força para o Brasil, em grandes navios (navios negreiros), em condições miseráveis e desumanas, onde muitos não sobreviviam, vítimas de doenças, maus tratos e principalmente da fome.

Os negros do Brasil foram trazidos principalmente da costa ocidental africana, provenientes de três grandes grupos. O primeiro, das culturas sudanesas, é representado, principalmente, pelos grupos Yoruba - chamados nagô -, pelos Dahomey – designados geralmente como gegê - e pelos Fanti-Ashanti – conhecidos como mircas -, além de muitos representantes de grupos menores da Gâmbia, Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim. O segundo grupo trouxe ao Brasil culturas africanas islamizadas, principalmente os Peuhl, os Mandinga e os Haussa, do norte da Nigéria, identificados na Bahia como negros malé e no Rio de Janeiro como negros alufá. O terceiro grupo cultural africano era integrado por tribos Bantu, do grupo congoangolês, provenientes da área hoje compreendida pela Angola e a "Contra Costa", que corresponde ao atual território de Moçambique. (RIBEIRO, 1995, p. 113).

Ao chegar ao Brasil, os escravos sobreviventes à travessia, eram separados de seus grupos culturais, e misturados com outras tribos diversas, dificultando a formação de núcleos de preservação do patrimônio cultural africano. Embora iguais na cor, falavam línguas diferentes, o que os força a aprender o português, o idioma do seu capataz. Podemos dizer que a formação do povo brasileiro foi fruto de um processo violento, afirma Darcy Ribeiro (1995).

De agora em diante, sua única função seria servir de mão-de-obra para seus senhores, fazendo tudo que lhes ordenassem, sob pena de castigos violentos e a conviverem com humilhação constante em seu dia-a-dia (GELEDES, 2016).

No início da formação da cultura brasileira, a contribuição do negro não era muito significativa, sendo muito mais passiva do que ativa. Darcy Ribeiro (1995) conta que esses negros faziam tecidos, roupas, cerâmicas, trabalhavam como agricultores, criavam gado, domesticavam plantas e dominavam as técnicas metalúrgicas. O ferro

possuía um valor sagrado, no qual seu poder divino era celebrado. Nas aldeias tinham casas e campos, sendo os donos da terra, da água, das florestas e dos sertões com todos os animais que viviam naquele ambiente, em alguns casos, mantinham inimigos derrotados como escravos.

Apesar de separados de seus grupos primitivos, os escravos não abandonaram completamente sua cultura e suas crenças. Neste momento, acontecia a apropriação cultural dos próprios africanos, trocavam seus conhecimentos de suas regiões da África e se adaptavam à sua nova vida como conseguiam. Seja o mais realista possível. Os sabores africanos adentravam a cozinha brasileira, as ervas começaram a se tornar mais valiosas, quando algumas escravas utilizavam as plantas para curar alguém na casa grande (casa onde moravam as famílias proprietárias de escravos). A cultura africana assim, vai se diluindo na formação da cultura nacional. A apropriação cultural está aumentando, dia após dia, entre escravos africanos, brasileiros e africanos.

Em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel aboliu a escravidão no Brasil, através da Lei Áurea, colocando nas ruas milhares de negros que, de uma hora para outra, ficaram sem destino. Sem dinheiro e sem emprego, acabaram dando início ao que hoje é conhecido como favela (GELEDES, 2016).

Mesmo com o fim da escravidão, o racismo seguia firme no Brasil. Com a chegada dos imigrantes italianos, agora eram estes que trabalhavam para os senhores de escravos, deixando os negros africanos em uma situação quase pior do que a escravidão.

As favelas foram aumentando e nelas, os negros podiam viver sem medo algum a sua cultura, as suas crenças, as suas verdades. E assim fizeram. Mesmo apropriados de muitos elementos da cultura brasileira branca, todavia já era apropriação europeia, misturada com apropriação indígena. Passará a existir neste momento, a apropriação cultural africana dentro da mistura que já era a cultura brasileira.

As mulheres negras, com nacionalidade brasileira, por muito tempo se esconderam atrás do preconceito e do racismo, existente até hoje, principalmente em periferias. Sempre vistas como empregadas domésticas, cozinheiras e apenas isso. Comumente não tinham estudos e possuíam muitos filhos devido à falta de informação iminente. Com o passar dos tempos, começou-se a ver negros concluindo os estudos,

ingressando a faculdade, o que antes era quase inimaginável de se pensar. Garantindo um espaço na sociedade que lhes foi tirado brutalmente.

A mulher negra que um dia foi silenciada, capaz apenas de servir famílias brancas, foi conquistando seu espaço. Mesmo que em muitos momentos como um símbolo sexual, porém em outros como uma pessoa forte, que lutou por seus direitos como cidadã dentro de uma sociedade racista, que é o Brasil. Foi se empoderando, combatendo como pode o preconceito, o racismo, o machismo e a violência contra a mulher, pois agora por possuir voz irá a luta diante a justiça.

### 3 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE E O PRECONCEITO DE GÊNERO E RAÇA

Ao longo da história a mulher realizou uma caminhada marcada pela invisibilidade. No século XVIII, ainda se discutia “se as mulheres eram seres humanos ou se estavam mais próximas dos animais irracionais” (PERROT, 2008, p. 11). Sendo obrigadas a esperarem até o final do XIX, para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades.

No Brasil o cenário sobre a mulher seguia o pensamento eurocêntrico acentuado pelo fator racial hierarquizado pela cor da pele, onde posicionava homens e mulheres afrodescendentes escravizados e libertos em profundo desmerecimento social, material e moral, sendo o último muito mais sofrido pelas mulheres, pela exposição a violência e a humilhação, condições que marcaram a construção do seu imaginário social determinando seu lugar de inferioridade no espaço social delimitando ações e negando direitos (OLIVEIRA, 2014, p. 1587).

Um país que ainda convive com a exploração sexual, as desigualdades salariais entre homens e mulheres, a discriminação e a violência contra a mulher, os atrasos em conquistas históricas de cidadania já garantidas em muitos países (como educação e saúde de qualidade, acesso fácil aos métodos anticoncepcionais, direito ao aborto) e os problemas sociais, como a pobreza, o descaso das autoridades para com os idosos e a infância, tão imbricados nas questões de gênero, tem muito a ganhar buscando respostas na história (PERROT, 2008, p. 11).

A ausência de comprometimento do Estado com a causa negra, a negação da instrução e igualdade de direitos revelados, motivarão o fortalecimento do Movimento Negro Brasileiro, que tem como objetivo principal desenvolver o pensamento político do negro para mudar sua condição moral, social e material, afirma Oliveira (2014). Combater pela causa das mulheres negras, incentivá-las a isso, mudar seu pensamento e sentimento de desonra.

Analisando os indicadores socioeconômicos, a mulher negra segue atrás do homem branco, da mulher branca e do homem negro de acordo com a pirâmide social. Com isso, essa hierarquia nos ajuda a problematizar a ideia de igualdade social no Brasil.

Ora, a democracia exige igualdade social. Isto não significa que todos os *socci*, membros da sociedade, devam ser iguais. Há uma grande confusão entre conceitos como: igualdade, diferença, desigualdade, identidade. Habitualmente, à diferença contrapõe-se a igualdade. Considera-se, aqui, errônea esta concepção. O par da diferença é a identidade. Já a igualdade,

conceito de ordem política, faz par com a desigualdade. As identidades, como também as diferenças, são bem-vindas (SAFIOTTI, 2004, p. 37).

O constitucionalismo brasileiro sempre adotou o princípio da igualdade, entretanto, isso não diz respeito ou consideração ao mesmo. Quanto ao direito à identidade da mulher negra, o descumprimento viola os princípios da dignidade humana e da igualdade, levando a um processo baseado na hierarquia social no fator de gênero e de racial, conforme prevê a Constituição em seu art. 5º, I, senão vejamos:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I – homens e mulheres são iguais em direito e obrigações, nos termos desta Constituição (BRASIL, 1988).

A mulher negra sofre preconceito a partir do momento em que é posicionada em uma escala de inferioridade e desigualdade de gênero e raça, ficando evidente o questionamento desta disparidade. Segundo o Estatuto da Igualdade Racial (2010) perante a Lei 12.288/10, define que a desigualdade racial é toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica. Seguido pela desigualdade de gênero e raça, onde há assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais.

Quando abordado o tema sobre essa desigualdade e essa luta constante atrelada a discriminação das mulheres negras, pode-se observar em grande parte pessoas em estado de fragilidade social, cuja cidadania nunca foi garantida, por conseguinte, seu direito à identidade não sendo respeitado.

Isso pode ser considerado na situação da mulher negra na sociedade brasileira, uma vez que expõe a vulnerabilidade da ideia igualdade de direitos nos tempos atuais. Segundo dados do estudo Retrato das desigualdades de gênero e raça, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2010), negros apresentam, em média, cinquenta e cinco por cento da renda percebida pelos brancos em 2009, entretanto, as mulheres negras, em que pesem o aumento da renda e a redução da desigualdade, permanecem bem isoladas na base da hierarquia social, ou seja, a remuneração de duas mulheres negras juntas equivale ao valor de uma mulher branca, um exemplo claro disso, é o rendimento anual médio de uma mulher negra, na região metropolitana de São Paulo, em 2002, foi de R\$ 412,00, já para uma mulher branca foi de R\$ 765,00.

No mercado de trabalho a situação não é muito diferente, a taxa de desemprego é muito maior entre a população negra do que a população branca. Entre as mulheres brancas, o desemprego é de pouco mais de nove por cento, enquanto entre as mulheres negras, excede os doze por cento. Assim, sendo o homem branco com a menor taxa de desemprego na população com cinco por cento, seguido pelo homem negro com seis por cento (IPEA, 2011).

Esse cenário vulnerável também é muito recorrente em outros indicadores de violência, segundo o Mapa de Violência (2015) sobre homicídio de mulheres no Brasil, a violência contra a mulher não é um fato novo. Pelo contrário, é tão antigo quanto a humanidade. O inovador dessa história, é o foco na superação dessa violência como condição necessária para a construção de nossa humanidade. É mais revolucionário ainda é a judicialização do problema, onde é entendida como criminalização da violência contra a mulher, não só através do texto de normas ou leis, mas fundamentalmente através da consolidação de estruturas específicas, mediante as quais o aparelho policial e/ou jurídico pode ser mobilizado para proteger as vítimas e/ou punir os agressores (WAISELFISZ, 2015).

Há nove anos atrás, no Brasil, especificamente em 7 de agosto de 2006, era aprovada a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, projetado para aumentar e destacar punições severas para tais crimes. A introdução do texto aprovado constitui uma boa síntese da Lei:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (BRASIL, 2006).

Mais recente ainda, em março de 2015 seria sancionada a Lei 13.104/2015, a Lei do Feminicídio, classificando-o como crime hediondo e com agravantes quando acontece em situações específicas de vulnerabilidade (gravidez, menor de idade, na presença de filhos, etc.), de forma intencional, causando lesões ou agravos à saúde que levam a sua morte.

Entretanto, mesmo após o período de vigência da Lei Maria da Penha, a taxa de homicídios contra as mulheres continuou elevando, maior parte desse aumento decenal aconteceu sob égide da nova lei: pouco mais de dezoito por cento nos



números e doze por cento nas taxas, entre 2006 e 2013. No início de 2007, registrou-se uma queda expressiva nas taxas, de 4,2 para 3,9 por cem mil mulheres, rapidamente a violência homicida aumentou seus casos, ultrapassando a taxa de 2006 (WAISELFISZ, 2015).

Segundo dados do IBGE e do IPEA (2011), a população negra é vítima de agressão em maior proporção que a população branca, seja homem ou mulher, jovem ou adulto, no entanto, a população negra feminina é vítima prioritária da violência homicida no País. Há um largo diferencial nas taxas de homicídio, pela cor das vítimas, onde o número de homicídios de mulheres brancas cai de mil setecentos e quarenta e sete vítimas, em 2003, para mil quinhentos e setenta e seis, em 2013, representando uma queda de mais de nove por cento no total de homicídios do período. Enquanto os homicídios de mulheres negras aumentam para mais de cinquenta e quatro por cento no mesmo período, passando de mil oitocentos e sessenta e quatro para dois mil oitocentos e setenta e cinco vítimas.

De acordo com Geledés (2017), mais de quarenta e três por cento das mulheres negras relataram que foram assediadas na rua, transporte público ou ambiente de trabalho, enquanto trinta e cinco por cento das mulheres brancas argumentam que viveram este tipo de situação. Além disso, é confirmado que mulheres negras são mais abordadas agressivamente em festas e beijadas à força do que as mulheres brancas.

Em termos de educação, de acordo com o Retrato da Desigualdade Gênero e Raça (2011), em grande parte dos indicadores educacionais, as mulheres se sobressaem aos homens. No entanto, a desigualdade de gênero não deixa de existir nesta situação, as mulheres enfrentam muitos desafios marcados pela discriminação de gênero em escolas e na carreira acadêmica, com especial atenção à situação das mulheres negras, que estão em desvantagem em relação às mulheres brancas e homens brancos.

Em todos os indicadores citados pelo IPEA (2011), pode-se observar que a distorção da classificação etária atinge pouco mais de trinta e oito por cento das meninas negras do ensino médio, em comparação com vinte e quatro por cento das mulheres brancas. Esta diferença também é evidenciada entre as mulheres no ensino superior, onde a taxa de escolaridade das mulheres brancas no ensino superior é de mais de vinte e três por cento, enquanto entre as mulheres negras essa proporção chega ser menos de dez por cento.

Aos dados fornecidos, pode-se conceber como as relações sociais são construídas para legitimar a constituição de uma hierarquização, fundamentado no preconceito de gênero e de raça, que coloca as mulheres negras no pior nível da pirâmide social. Essa visão nos faz perceber que é necessário observar o estigma que uma sociedade desigual, violenta e principalmente desrespeitosa com as mulheres, quando tratado primordialmente as mulheres negras.

Diante isso, pode ser aberto uma reflexão sobre as conquistas das mulheres na sociedade brasileira. As mulheres negras ainda não conseguem obter a cidadania plena, em vista disso enfrentam jogos desiguais na lógica cultural, social e econômica do país. Ao que tudo indica, ocupam os piores cargos e, quando ocupam as melhores, posições, são destinadas a conviverem com salários baixíssimos. Todos os dias, esforços são feitos para garantir a assistência básica do país para compensar, no mínimo, o processo de exclusão que viveu e ainda vive na sociedade brasileira.

Ressaltando, a mulher negra ainda está sendo subalternizada, acima de tudo, inferiorizada por uma sociedade que ainda mantém o sexismo e o racismo da sociedade escravista patriarcal, sendo sucumbida até pelos homens negros.

A mulher negra na sua lua diária durante e após à Escravidão no Brasil, foi contemplada como mão- de obra, na maioria das vezes não qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter significado dignificante, o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz -se na mulher negra “um destino histórico”. É ela quem desempenha, em sua maioria, os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações de trabalho avocam as mesmas da Escravocracia (NASCIMENTO, 2009).

Não se pode discutir quanto ao sofrimento vivido pela mulher negra ao longo da história. Negação a sua especificidade, construída no decorrer do processo histórico, menosprezando sua função na sociedade brasileira às condições de trabalho e satisfazendo os desejos sexuais dos senhores contemporâneos.

Apoderando-se ao último lugar na escala social, carregando desvantagens do sistema de desigualdade e injustiça baseado em sexismo e racismo, onde insiste em preservar, comprometer e vulgarizar a inferioridade das mulheres negras, que remete não só ao período escravocrata, mas acima de tudo, com a atualização atual como argumentos para a justificação pelo motivo do descumprimento dos direitos básicos da mulher negra pelo Brasil (GAMA, 2018, p. 8).

Diante do que foi apresentado e discutido, a partir da situação da mulher negra na sociedade brasileira, é possível questionar o princípio da igualdade social no Brasil. Questionar a seletividade de direito, envolvendo necessariamente as características sociais, de gênero e raciais do judiciário brasileiro e do público que atua, para a compreensão do racismo contra as mulheres negras, a partir da estigmatização de sua estética e como este desempenho retalha o seu direito de identidade racial e coloca em prescrição o princípio da isonomia social.

#### 4 A INFLUÊNCIA NEGRA NA FORMAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA

É considerado cultura, tudo aquilo relacionado ao comportamento, saberes, hábitos ou crenças que diferenciam um grupo de outro, ou seja, provêm de culturas distintas, de acordo com o conceito da palavra (RIBEIRO, 2021).

De acordo com Gilberto Freyre (1976, p. 369), “[...] o Brasil começou a ser pré-Brasil como projeção humana e cultural da Europa - especificamente de Portugal [...]”, e completa: “[...], Mas não explica por si só nem o aparecimento do Brasil como nova entidade sócio-cultural no mundo que se considere "moderno" - dando extensão sociológica a adjetivo tão impreciso [...]”.

Este processo se dá desenvolvimento através da concentração de outras presenças ou de outras contribuições, além da europeia. Um processo bem complicado e extenso. Os pilares da cultura e da população dos índios americanos nunca podem ser ignorados. Até porque existe. Mas, além disso, haverá outra presença não europeia: a cultura negra africana.

Dando ênfase a esse pensamento, Gilberto Freyre afirma que:

[...] após o descobrimento do Brasil, presença negra africana no mesmo processo daria, paradoxalmente, a um elemento por algum tempo considerado inferior por historiadores e até antropólogos eurocêntricos, categoria, segundo nova e até revolucionária perspectiva, de co-colonizador do europeu ou do português. Daí ser oportuno aplicar-se essa perspectiva - e esse neologismo - à consideração daqueles relacionamentos culturais que, superando os étnicos, vêm resultando numa nação brasileira (FREYRE, 1976, p. 369).

O ser humano, que convive em sociedade desempenha um papel na mesma, onde cada profissional exerce uma função, os cidadãos cumprem e criam as. Sendo cada indivíduo de acordo com sua cultura, onde as leis são diferentes, por exemplo. A sociedade e cultura estão diretamente relacionadas, pois são os principais fatores de países, estados e regiões.

O povo brasileiro é composto de três elementos étnicos bem distintos: os nativos indígenas, que já habitavam esta terra há milênios. Os europeus, trazendo a cultura alemã e fortemente a cultura portuguesa. E a principal influência dos africanos, dada devido a chegada de negros africanos escravizados para a América a partir do século XVI até o ano de 1850, quando foi definitivamente proibido este contrabando (SARAIVA, 2016, p. 12).

Em suma, é impossível abordar sobre a cultura negra brasileira sem citar a escravidão, a exploração do povo pela cultura daquele período em que os senhores do café, como eram chamados os grandes donos das cafezais, a maior reviravolta econômica do Brasil naquela época, exploravam pessoas, em sua maioria negros com trabalho escravo, pois se via como um meio de mão-de-obra barata. As escravas eram estupradas, engravidavam e tinham filhos mestiços, aumentando assim essa mistura racial. Os imigrantes que chegavam, contribuíam com essa mistura de raças, europeus, negros e índios trouxeram com eles a cultura da qual faziam parte, aprenderam e ensinaram os costumes, e assim deram origem a uma nova cultura, a brasileira (GELEDES, 2017).

Diante a toda essa miscigenação, o Brasil agora possuía diversas misturas raciais, religiosas e de vestuário, tornando muita informação em apenas uma.

Contribuindo, através da mistura física, para a emergência de novos tipos e homens e de novas formas de beleza de mulher. E através da mistura cultural para novas combinações culturais, como valores ou traços de origem negra ou de procedência africana colorindo valores e traços de cultura não só indígenas ou ameríndios como vindos criativa e germinalmente não só da Europa como de certas áreas culturais da África. Vindo principalmente da Europa ibérica: a mais ativamente colonizadora do Brasil e ela própria já tocada, na Europa, por influências negras ou africanas (FREYRE, 1976, p. 370).

Essa mistura é derivada da apropriação cultural, ou seja, pessoas de diferentes partes do mundo se apropriaram dos hábitos de pessoas de outra parte do mundo, no nosso país, isto é, a apropriação cultural é a adoção de certos elementos específicos de uma cultura por outro grupo cultural. Descreve-se a aculturação ou assimilação, mas pode sugerir uma imagem negativa da cultura minoritária pela cultura dominante, mesmo que esta não seja obrigatoriamente representada pela quantidade de pessoas.

“Um imigrante alemão aderindo à religião de um escravo africano, um imigrante italiano usando um turbante, uma escrava negra aprendendo outras línguas, a ler e a escrever” (BERNELLI, 2017, p.14). Algo que não era visto comumente no cotidiano, passa a ser mais valorizado, dando a nossa cultura um enobrecimento único.

Os escravos trouxeram uma bagagem muito luxuosa, embora todo o sofrimento, a África, tem uma cultura belíssima, uma etnia muito colorida, atrelado a muitas estampas e uma alegria incomparável. Muitos adornos elaborados com técnicas manuais, danças típicas e fé. “Os negros já vieram trazendo apropriação

cultural. O termo é novo, mas seu sentido já faz parte da história há séculos, desde que existe cultura, desde que existe sociedade” (BERNELLI, 2017, p.15).

As infiltrações africanas na religião como na culinária, na música, na escultura, na pintura de origem europeia, representam não uma degradação desses valores, mas um seu enriquecimento. Uma sua harmonização com a ambiência, a natureza, e a ecologia tropicais, de que aquele brasileiro de origem africana, ou de cultura tão africana quanto europeia, estaria mais próximo do que o preso a heranças exclusivamente europeias tanto de sangue como de cultura (FREYRE, 1976, p. 374).

Na imagem a seguir, há a representação de um acessório bastante comum e presente nos vestuários de mulheres brasileiras. O turbante, trata-se de um adorno utilizado para enfeitar a cabeça das mulheres, uma peça simples, mas acompanhada de muitos significados. Não se sabe ao certo sua origem, podendo ter surgido no Oriente ou na África, o turbante, pode simbolizar a origem, a tribo ou casta do indivíduo, identificar a religião ou até mesmo a posição social (RASPANTI, 2015).

Todavia, há pessoas que pensam que usar turbante pode ser considerado uma forma de racismo, em razão de o adereço possuir significado religioso para algumas culturas, além de alegarem a peça um dos símbolos de luta do movimento negro e por tal razão, seria um desrespeito vesti-lo por puro modismo. Apesar de todos seus significados e referências, o turbante foi considerado um símbolo da cultura negra, nos movimentos que lutavam pelos direitos civis nos anos 60. E até os dias atuais, mulheres adotam o adereço por acharem algo prático e muito bonito, muitas pela religião e também, há grupos de mulheres negras que utilizam o turbante como elemento de afirmação cultural como podemos observar na figura 01. (RASPANTI, 2015).

Figura 1 - Uma mulher negra usando turbante, representando apropriação.



Fonte: African Vibes (2021)

(<https://www.africanvibes.com/23-sophisticated-ways-afronize-headwrap-easter/>)

O africanismo, dado como principal assunto deste trabalho, tem suas raízes fincadas em quase todo território brasileiro, nem que seja uma minoria dele. No entanto, esse costume nem sempre é original, na maioria das vezes ocorre uma interferência de terceiros antes de chegar ao Brasil, principalmente na moda, como os Estados Unidos por exemplo, onde há uma alta concentração de pessoas negras, trazendo um pouco de sua cultura norte-americana e dando destaque ao africanismo (BERNELLI, 2017, p. 16).

Isso acontece, pois a moda precisa ser moldada e adaptada. A história, a economia e o entorno geográfico de cada país são muito diferentes e, quando chegam a outro lugar, acabam transportando um pouco de cada cultura, produzindo assim algo novo.

Pessoas negras são colocadas no papel de “outro”. Elas não são a face padrão dos Estados Unidos; elas são a face que a América gosta de exibir como prova de sua diversidade, uma evidência de sua abertura, um testamento de seu espírito de boas-vindas (GELEDÉS, 2018).

Todas as informações trazidas se transformam em arte, coleções, arquitetura, a macrotendência, acaba se transformando em micro, e é assim que moldamos nossa cultura, nossos costumes, nossa vontade de comprar. O Brasil é um país muito diversificado quando se fala em cultura, tornando-o assim um país inclusivo.

Vivem-se no Brasil muitas manifestações, festas, praticas religiosas, técnicas artesanais, comidas, musicas, danças, autos, escolhas estéticas, penteados, indumentárias, cores, adornos corporais, vocabulários, lendas, contos e mitos que o aproximam das suas muitas matrizes africanas (LODY, 2019).

É de suma importância, ter o domínio do africanismo, a palavra originou-se diante a solidariedade aos negros do Caribe e dos Estados Unidos, diante sua luta semelhante contra a segregação racial brutal. Nos Estados Unidos, o racismo ainda é muito presente, uma vez que mais frequente e mais violento do que no Brasil, a apropriação cultural é evidente em tranças, roupas e muitos outros casos e elementos. A partir do momento em que negros norte-americanos não se misturam com os brancos norte-americanos, está registrado uma linha onde os separam e são delimitados por ambas as raças. Já os brasileiros se apropriam da cultura africana, da qual deriva a palavra afro-brasileira, que inclui a raça humana, costumes, vestimentas e cor da pele.

Essa afirmação pode ser ilustrada da seguinte forma, quando uma marca de roupa brasileira usa um elemento, um símbolo, uma estampa ou cores da cultura africana em sua coleção, transformando essas vestimentas em um mix de culturas concebendo assim uma apropriação de algo de uma cultura diferente da original, ou seja, a brasileira. Podendo assim ser identificada com afro-brasileira, cujo conceito, segundo Portal da cultura afro brasileira, é “o conjunto de manifestações culturais do Brasil que sofreram algum grau de influência da cultura africana desde os tempos do Brasil colônia até a atualidade” (PORTAL DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA, 2017).

O Brasil ainda é um país concedido como uma cópia escrita da moda norte-americana e muito do que chamamos de apropriação cultural africana antes de ter sua chegada no território brasileiro, é primeiramente levado até os Estados Unidos.

Tudo o que vem ao Brasil há um pensamento em questão, de como a cultura africana vai atuar na moda, assim como qualquer outra. Um profissional estuda e



planeja como desenvolver o tema para uma futura tendência de estação, denominado por pesquisador de tendências, sendo um dos mais importantes no mundo da moda. E, no momento, o número de classes dominantes está crescendo, o mix está crescendo, então, quando chega ao consumidor comum, o trabalho é maior.

A voz de minorias, mulheres, negros, homossexuais, bissexuais, transexuais ganhou força nos últimos dez anos, o que mudou a forma como pensamos sobre moda, tendências, mídias sociais, tudo o que inclui a comunicação. Essas pessoas também perceberam que a maneira de lidar com tudo isso, de certa forma, era dinheiro, boicote às marcas. E então eles os fizeram pensar fora da caixa para servir a todos, os dominantes e os dominados (BERNELLI, 2017, p. 17).

A grande maioria da população do Brasil, é descendente de uma mistura de raças, a uma enorme diversificação em tons de pele, cores e tipos de cabelo, biótipos, mulheres do sul são diferentes das mulheres do norte. Como o preconceito racial sempre esteve arraigado no Brasil, as mulheres negras há muito tempo se escondem atrás deles sem serem autorizadas a usar estampa africana, turbante ou qualquer coisa que diga respeito ao negro, até porque a tendência era ser "branca", cabelos lisos, pele e olhos claros. As mulheres negras diante esta situação, alisavam os cabelos de diferentes maneiras, tornando seu tom ainda mais brilhante.

Todavia, com o crescimento do feminismo, do empoderamento das mulheres negras, as mulheres negras acabaram dominando um espaço muito poderoso, de uma cultura que de certa forma nossa, a apropriação africana cresceu, tomando forma e crescendo cada vez mais no Brasil com muito valor.

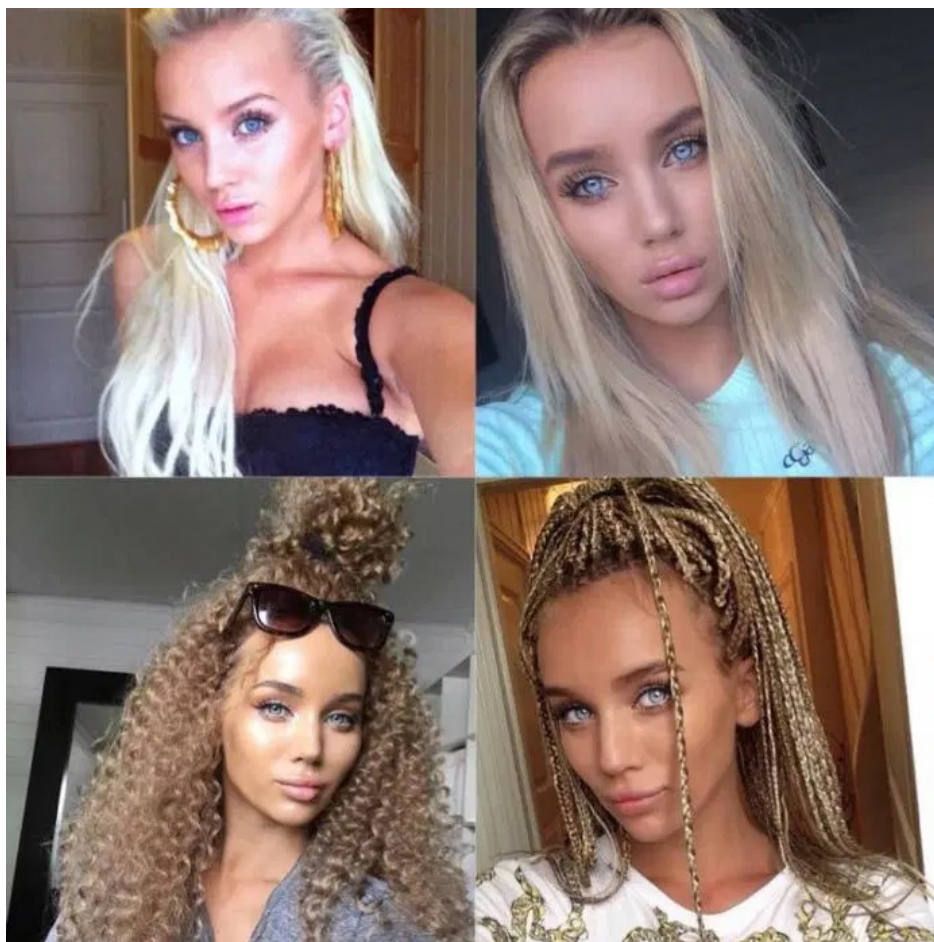
## 5 APROPRIAÇÃO CULTURAL

Em geral, a apropriação cultural é definida como um porte indevido de elementos específicos de uma determinada cultura por pessoas pertencentes a outra, em outras palavras, quando indivíduos acostumados a ter tudo, na maioria das vezes brancos com idade inferior a 35 anos, tomam posse de elementos de uma cultura que desconhecem ou simplesmente ignoram saber sobre. Isso inclui o uso de acessórios e roupas, exploração de símbolos religiosos, o roubo de tradições e de manifestações artísticas. A apropriação cultural se torna algo particularmente terrível tratando-se de elementos de uma cultura historicamente marginalizada e explorada (GELEDÉS, 2017).

Esse apropriação é um processo bem contestável, no qual precisa ser mais explorado, pois dá uma margem enorme para que elementos de uma cultura sejam banalizados, trivializados e estereotipados. A grande questão de tomar posse de elementos de culturas não dominantes e acolhê-los de maneira descontextualizada, é que as pessoas se beneficiam dos aspectos que julgam interessantes de uma cultura, entretanto ignorando as reais histórias desses elementos, enquanto os principais membros dessa cultura lidam com a opressão diariamente. A jovem atriz e cantora Isadora Machado, afirma que “Ser negra é ser morta, chamada de vadia e silenciada o tempo todo. Não é uma opção. Essa moda Black dá uma ideia falsa de maior aceitação dos negros. Fora das redes sociais o genocídio e o racismo continuam” (GELEDÉS, 2016).

Algumas pessoas usam o conceito de liberdade de expressão para dizer que elas podem usar o que bem quiserem. Como podemos observar na figura 2. No entanto, um dos grandes problemas desta apropriação é o silenciamento das pessoas negras, isto é, na sociedade preconceituosa em que vivemos, uma garota branca que utiliza as mesmas referências que uma garota negra sempre vai estar à frente, mesmo que ela faça uso de um turbante ou uma trança afro sem ao menos propagar todo um legado.

Figura 2 - Uma mulher branca utilizando seu cabelo com tranças e textura afro.



Fonte: Portal Geledés (2021)

(<https://www.geledes.org.br/moda-afro-apropriacao-cultural-e-silenciamento-das-minas-negras/>)

Portanto, esse silenciamento dá permissão de fala apenas para quem não pertence ao lugar dela. De outro modo, uma mulher branca pode divulgar a conscientização e ir à luta contra o racismo, no entanto, ela nunca sentirá na pele o que uma mulher negra realmente sofre. Um exemplo desta apropriação da cultura negra são a utilização de tranças. De uns tempos pra cá, revistas, editoriais e marcas começaram a mostrar esse conteúdo como uma nova tendência, mesmo que mulheres negras sempre fizeram uso em seus cabelos mais crespos, pelo simples fato histórico das tranças serem um símbolo de resistência negra, onde eram utilizadas para identificar as tribos a qual pertenciam os escravos e, por meio de seus desenhos, também serviam como mapas e rotas para as fugas planejadas. Mulheres negras sempre usaram tranças, não se tratando de uma tendência cool que surgiu no

Instagram para meninas brancas parecerem mais descoladas. A maioria das pessoas brancas, simplesmente ignoram os reais fatos do significado das tranças para a identidade da mulher negra. É praticamente impossível tratar as tranças como meros penteados, despidos de significado.

Se pensarmos em alguns adornos, como turbantes, dreads, cocares, pinturas corporais, e na maneira como estão inseridos na realidade brasileira, veremos que não só colaboram para construir e manter um imaginário de mestiçagem ou miscigenação que alimenta, por exemplo, o mito da democracia racial, como se tornam símbolos de resistência para determinados grupos. Para além dos elementos de aculturação, como sincretismos e assimilações aculturais, a interação nem sempre se dá de maneira tranquila e acaba gerando conflitos que remetem à questão do apagamento ou do esvaziamento de significados, abrindo a discussão sobre os limites de uso e gerando todas as controvérsias que desembocam na apropriação cultural (WILLIAM, 2019).

É preciso ter em mente, que se o conceito de fronteiras culturais não faz muito sentido agora se dá ao fato do violento processo de expansão colonial realizado pela ganância europeia. Se os obstáculos parecem ser mais fluidos no presente é porque em um passado não muito distante, populações inteiras foram tomadas, exploradas e dizimadas para ganho do mundo ocidental.

Há um tempo atrás, não existia toda esta representatividade que pessoas negras possuem hoje, e devido isso, sentiam a necessidade de alterar atributos físicos, na maioria por conta de toda dominação cultural ainda herdada dos processos de colonização europeia, que diziam que cabelo liso era o cabelo “bom” e a ter o cabelo loiro como o ideal de beleza (GELEDÉS, 2017).

Vivemos em uma sociedade no qual as escolhas estéticas e capilares de uma mulher negra viram escolhas políticas. Sendo assim, o uso de turbantes e a valorização do cabelo natural necessitam ser vistos como resistência, e não apenas como tendências passageiras. É preciso destacar que ser negro não é moda nem tendência. Ser negro é fazer parte de um povo com um passado agressivo de escravidão. A cor dos olhos e dos cabelos são características físicas, e não culturais. Ademais, quando um indivíduo não negro queira usufruir dos elementos desta cultura, é preciso entender a qual lugar social você pertence, pois não se trata apenas de estética, mas sim de uma história e da aculturação de uma minoria.

A cultura afro-brasileira a pouco tempo atrás, finalmente foi vista como produto de consumo dentro da moda nacional, quando os negros adentraram ao território brasileiro, com o intuito de serem escravizados, não possuíam liberdade para trazer

sua cultura crua, embora ela não tenha se perdido devido ao fato de que sempre que tinham oportunidade, por mais que fossem poucas, aproveitavam para repassar a cultura, a religião, a vestimenta, ou seja, tudo que fizesse parte da descendência africana para filhos e netos já nascidos no Brasil, mesmo que de forma muito lapidada, afim de não sofrer nenhum tipo de represália.

Hoje em dia, o africanismo não está presente apenas na moda, mas na arte, na arquitetura, no design e até na religião. Embora a Umbanda seja uma religião do território brasileiro, ela possui muitos elementos da cultura africana, por exemplo o uso das guias de proteção, eles utilizam miçangas em linha, com a cor de cada Orixá, nos ritos e pontos cantados remetendo a cultura africana, através dos Pretos Velhos, que são entidades de escravos africanos trazidos ao Brasil (BERNELLI, 2017, p. 19).

Na figura 03 é possível observar as guias de proteção utilizadas na Umbanda, uma religião que se resulta do encontro de tradições africanas, espíritas e católicas. Já na figura 04 conseguimos deparar a apropriação cultural, a capoeira. Não é possível informar sua origem, pela falta de documentação, no entanto, através de raros registros pode-se afirmar que foram os africanos escravizados, já no território brasileiro, que desenvolveram a dança (GELEDÉS, 2012).

E por fim na figura 05, é possível identificar a mesclagem entre as culturas africana e brasileira, por meio da roupa, na moda. Em que uma mulher negra está trajando um vestido de noiva branco com acessórios da cultura afro-brasileira, como por exemplo o turbante. Tudo isso, com o principal objetivo de fazer com que a cultura afro seja ressaltada nos momentos mais importantes da vida de uma mulher afrodescendente, as tornando mais bonitas com uma cultura que nem sempre foi valorizada. Uma das fundadoras do ateliê Xongani, desenvolvedores do projeto, alega que:

A nossa ideia de casamento é muito eurocentrada, a noiva é representada como uma verdadeira rainha. Ao construir o conceito do vestido, buscamos referências não nas escravas, mas nas rainhas africanas e em toda a sua beleza (GELEDÉS, 2015).

Figura 3 - Apropriação cultural presente na religião brasileira umbanda.



Fonte: Portal Geledés (2021)

(<https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>)

Figura 4 - Apropriação cultural representada a partir da dança, a Capoeira Angola. Um estilo original da dança praticada pelos escravos em sua chegada ao Brasil.



Fonte: Toda matéria (2021)

(<https://www.todamateria.com.br/capoeira/>)



Figura 5 - Apropriação cultural presente na moda. Vestido de noiva, com elementos da cultura africana, desenvolvido por um projeto pelo ateliê Xongani.



Fonte: Pinterest (2021)

(<https://br.pinterest.com/pin/515802963562932221/>)

Deve-se notar que a cultura africana não está presente em si nos produtos e costumes brasileiros, e sim composto por uma mesclagem.

As escolhas de cores, de materiais e de objetos constituem-se em textos visuais, sonoros e plásticos que têm significados e sentidos para uma sociedade, uma etnia ou um grupo cultural que assume sua identidade; e é justamente com base nessas diferenças que se distinguem os mais importantes sinais da pessoa e de sua história (LODY, 2019).

Os mais comumente usados são as cores e a estampa étnica que pode ser encontrada em todos os tipos de roupa, mesmo que não seja especificamente de origem africana, ou se os símbolos utilizados não se referem à moda afro, de alguma forma se referem ao africanismo. Como por exemplo o Gyen Nyame, um símbolo Adinkra, cujo o significado, segundo o site Afro e África “significa aproximadamente a Divindade é onipotente e imortal”, ou seja, remete a supremacia de Deus, e é muito utilizado em Gana para decorar casas, tecidos e objetos (AFRO E AFRICA, 2012).

Figura 6 - Símbolo Adinkra Gyen Nyame.



Fonte: Pinterest (2021)

(<https://br.pinterest.com/pin/550002173251119384/>)

Os símbolos Adinkra estão muito presentes na moda brasileira através de estampas. Antigamente essas estampas eram utilizadas apenas nos funerais, pois a palavra Adinkra segundo o dicionário de símbolos significa “dizer adeus”. Entretanto, com o passar do tempo, os símbolos passaram não só a ser usados em outras ocasiões, como também é possível ser vistos em cerâmicas, guarda-chuvas, prédios, casas e até mesmo em tatuagens.

Outro aspecto bem perverso da apropriação cultural é que, muitas vezes, elementos de uma cultura são comercializados e capitalizados, mas em nenhum momento membros dessa cultura se beneficiam desse processo de maneira significativa. A indústria da moda é um grande exemplo disso (GELEDÉS, 2016).

A partir do momento em que uma mulher negra utiliza um acessório que é atrelado a cultura africana, ela sofre preconceito, entretanto quando uma mulher branca usa, sendo indiferente a questão de ela não saber o significado, é considerado algo legal, a ponto de se transformar em uma tendência passageira. O assunto é muito contestado atualmente, e isso se dá ao fato do preconceito absurdo executado pela classe dominante branca. Apesar disso, as mulheres negras estão mais dedicadas em ir à luta contra esse preconceito, e poder mudar esse pensamento da branquitude ou no mínimo exigir respeito a essa identidade.

A identidade segue sendo um dos fatores primordiais para o consumo da moda afro-brasileira, resultando assim as roupas, acessórios e cabelos uma grande forma



de expressão, um meio de comunicação silenciado por décadas. Por um tempo atrás, ser negra era considerado uma desgraça e motivo para se envergonhar, hoje é algo de que possa se orgulhar e em lugares que ainda não é, existe uma luta para isso. E é assim que acontece a busca pelas origens, e quando acontece, ela deve ser exposta.

Pouco importa se você se dedica ao máximo para pra se parecer o mais negro possível, se você faz pouco caso da luta antirracista, por exemplo. De nada adianta se sentir negro culturalmente se você se mantém neutro ao nosso genocídio. Porque sem comprometimento com as pessoas responsáveis pela cultura apreciada, qualquer uso dela vira faz-de-conta, caricatura ou comércio, e a única tradição que se mantém é a iniciada pelos bárbaros “civilizadores” europeus há mais de 500 anos atrás. O desprezível hábito de “descobrir” o que nunca foi novidade para outros e achar que isso confere título de posse para uso irrestrito. A terrível mania de achar que a branquitude “agrega valor” a tudo que toca (GELEDÉS, 2017).

A identidade cultural é o senso de identidade de um grupo, cultura ou indivíduo, conforme são influenciados pela cultura do grupo à qual fazem parte.

Esse legado é muito rico, pois exerce um papel no interior de toda mulher negra, o poder que ela tem. Promover a autoestima e brasilizar a cultura africana de forma diferenciada, criando assim, uma cultura brasileira plena de apropriação cultural e transformando essa cultura em algo único.

Embora, ao longo de sua vida a mulher negra sempre esteve sujeita a pensar que é submetida apenas como a mulata do carnaval, a mulata prostituta, uma pessoa que não é para casar, aquela que teve bastante filhos e está grávida de outro é por motivos de não ter estudo, empregada, concluindo, inúmeros adjetivos que sempre ouviram ou vivenciaram (BERNELLI, 2017, p. 24).

O consumo do corpo das mulheres negras, seja no século XIX ou XX, seja no Brasil ou nos EUA ou na Europa ainda é fruto da transversalidade perversa de racismo, sexismo e imperialismo que norteiam a maioria dos olhares, ainda que as vezes num falso discurso de valorização e reconhecimento. A exploração e objetificação do corpo feminino, a erotização possessiva dos nossos corpos, pode ser vista tanto na desumanização, quanto na invisibilidade quanto nas políticas de controle do comportamento sexual feminino, sobretudo das mulheres negras pobres (GELEDÉS, 2014).

Passar por tudo isso e mesmo assim se tornar uma mulher empoderada é incompreensível para as mulheres brancas, não as dando o direito de julgarem uma realidade da qual não participam. Essa exploração, sexualização e violência contra os corpos das mulheres negras, simplesmente não atendem aos requisitos de possuir autonomia para tomar quaisquer decisões sobre vossos corpos. Esse falso

enaltecimento das mulheres negras que cogitam que reconhecê-lo é aproveitarem para aquilo que concordam ser sua única razão de existir, o prazer de alguém, não é aquilo que nos faz agentes da nossa sexualidade. No mundo em que vivemos hoje é fácil ser branca, empoderada. O difícil é ser negra.

## 6 APRESENTAÇÃO DAS MARCAS E APROPRIAÇÃO CULTURAL

Grandes grifes brasileiras já trouxeram a passarelas nacionais e internacionais a apropriação cultural, no entanto, as consumidoras de moda afro no Brasil não se encontram nesse nicho de mercado. Isso se dá conveniente as medidas atribuídas para a realização dessas peças serem voltadas para uma tabela de medida mais americanizada, o padrão do corpo feminino negro especialmente o brasileiro, devido à grande miscigenação, é conhecido como um corpo mais curvilíneo, com um quadril mais largo, a área das nádegas mais avantajada, seios mais fartos e uma cintura menor. De fato, muito diferente do que a mídia o representa, ademais, as roupas confeccionadas com o intuito de servir a comunidade afro-brasileira, na maioria das vezes são expostas em corpos de modelos com um padrão de corpo mais eurocêntrico, com cabelos e peles claríssimos, não querendo reprimir uma mulher branca de fazer uso da peça, entretanto, se o objetivo da marca é atender a mulher negra, o público alvo escolhido deve ser retratado nas passarelas, para que as mulheres negras possam se enxergar no produto, neste caso, a roupa e o acessório.

Atualmente, convivemos em um mundo onde as pessoas possuem liberdade para ser o que quiserem, contudo, o grande problema se dá ao fato desta exibição incomodar muita gente. As mulheres brancas geralmente se “fantasiam” como mulheres negras, por terem em mente que ser negro está na moda, o preto está em alta, os elementos que remetem a sua cultura africana são tendências. E isso obviamente não é visto com bons olhos perante as mulheres negras, em muitos casos, mulheres brancas não sabem o que vestem e as marcas não sabem o que vendem. Elas apenas podem, qualquer coisa.

Pode-se dizer da mulher que tende a ser, quanto a modas para seus vestidos, seus sapatos, seus penteados, um tanto maria vai com as outras. Portanto, a corresponder ao que a moda tem de uniformizante. Mas é da argúcia feminina a iniciativa de reagir contra essa uniformização absoluta, de acordo com características pessoais que não se ajustem a imposições de uma moda disso ou daquilo. Nesse particular, é preciso reconhecer-se, na brasileira morena, o direito de repudiar modas norte-europeias destinadas a mulheres loiras e alvas. Isto é, repelir tais modas ou adaptá-las à sua morenidade e ao seu tipo antropológico do mesmo modo que, ecologicamente, ao clima brasileiro: um clima tropical (FREYRE, 1987, p. 33).

As três grifes que serão citadas a seguir, foram escolhidas por atender exclusivamente a mulher negra brasileira, que possui os quadris mais largos, os seios maiores, independente do biótipo, no entanto diferente ao da mulher branca brasileira,

no qual em sua grande maioria, suas medidas são bem menores relacionadas a essas específicas partes do corpo. Isso também se condiz muito com cada região, não especificando que mulheres brancas não sejam consumidoras, mas sim em menor número.

Pode-se analisar os aspectos comuns das marcas que são claros e rigorosos, inclusive com essas referências lhes deu o início: o produto que as mulheres negras gostariam de consumir não se encontrava disponível no mercado, algo que atendesse suas necessidades e desejos, roupas adequadas para seus corpos, acessórios e vestuários ergonomicamente diferentes que possuíssem uma comunicação, que desse um realce a mais a essa mulher. Essa necessidade deu origem a uma grande apropriação cultural ao introduzir na moda brasileira uma modelagem adequada aos diferentes biótipos, uma cartela de cores que valorizasse esse tipo particular de corpo, estampas presentes em quase todos os exemplares, acessórios que agregassem valor ao corpo, cabelo ou tom de pele.

A cultura africana e o empoderamento negro, está muito presente no dia a dia das designers Michelle Fernandes, Goya Lopes, Loo Nascimento e Carol Barreto que deram essa origem as marcas. Buscam trazer modelagens diferenciadas, turbantes, o uso e abuso de cores e estampas atreladas ao africanismo, e tudo isso com o intuito de fazer com que a mulher negra tenha seu lugar na moda, para que ela possa ser reconhecida e se sentir empoderada com suas características única herdadas de seu povo. A designer de moda, professora e ativista, Carol Barreto afirma que:

São nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração (GELEDÉS, 2017).

Hoje em dia, já não é mais preciso a mulher negra alisar o cabelo para se encaixar nos padrões de beleza implantados pela sociedade, ou muito menos vestir uma peça de departamento que não se encaixa em seu perfil apenas por tendência, embora ela possa fazer tudo isso, existem inúmeras possibilidades para deixá-la ainda mais poderosa. Nas figuras a seguir, podemos observar as estilistas das marcas que serão abordadas e o africanismo presente em suas criações.

Figura 7 – Michelle Fernandes fundadora da Boutique de Krioula, investe nas cores, estampas e acessórios que remetem ao africanismo.



Fonte: Instagram (2021)

([https://www.instagram.com/p/CRPIUZmF\\_H3/](https://www.instagram.com/p/CRPIUZmF_H3/))

Figura 8 – Goya Lopes fundadora da grife Didara, investe em cores fortes, temas culturais que contam histórias da diáspora africana e produção artesanal.



Fonte: Geledés (2021)

(<https://www.geledes.org.br/a-designer-baiana-goya-lobes-e-suas-criacoes/>)

Figura 10 – Loo Nascimento fundadora da Dresscoração, investe em cores, estampas e texturas nacionais, que tenham conexões com a estética das estampas africanas.



Fonte: Red bull (2021)

(<https://www.redbull.com/br-pt/dresscoracao-loo-nascimento>)

Figura 9 - Carol Barreto, investe nas cores, estampas e símbolos africanos nas suas coleções, modelagem e acessórios que remetem a negritude.



Fonte: Geledés (2021)

(<https://www.geledes.org.br/moda-e-racismo/>)

A apropriação cultural nas marcas pode ser percebida através de estampas e cores que buscam retratar o africanismo. O estudo da cor, a semiótica estão muito presentes na apropriação cultural, mesmo que passem despercebidas nesses termos (BERNELLI, 2017, p. 28).

A exibição da imagem da mulher negra, por meio de estampas ou bordados, e joias africanas, mostra a angústia com os valores de sua etnia. O turbante representa princípios morais e religiosos, as civilizações africanas possuem uma visão mais abrangente e simbólica sobre a vida, onde todos fazem parte de um todo, buscando a harmonia e o equilíbrio. Não apenas valorizando a mulher negra, mas também procurando uma identidade feminina forte e independente, que se sobressai acima dos problemas, a autoestima e o feminismo. As peças de roupas são mais longas e bem amplas, sendo poucas as peças possuem uma modelagem mais justa.

As marcas procuram priorizar o conforto de suas peças, dando de certa forma uma afinidade para que aja uma comunicação de ideia e pensamento. Desta forma, favorecendo o objetivo de suas clientes. É afirmado que, mulheres negras tendem a ser mais solitárias, e ao ver um grupo de mulheres que transpassam este mesmo sentimento, isso de certa forma as estimulam a fazer o mesmo.

## **6.1 BOUTIQUE DE KRIOULA**

Boutique de Krioula, é uma marca que nasceu em 2012, através de uma forma de Michelle Fernandes, passar por sua transição capilar se sentindo uma mulher mais bonita e empoderada. Hoje ela observa que seu negócio vai muito além da questão da moda, por meio de um simples acessório importante para as mulheres negras, Michelle busca ajudá-las em sua fase de transição capilar onde costumam fazer um corte radical no cabelo e ainda estão inseguras com sua aparência.

Percebi que não era só o turbante. Eu me reafirmava como mulher negra. Quando usava, me sentia mais empoderada, mais bonita, falavam que eu parecia uma rainha africana e percebi que quem comprava também. As pessoas se sentem fortalecidas no turbante, se sentem fortalecidas de estar comprando um produto de uma mulher negra, e isso foi crescendo (FERNANDES, 2018).

A designer conta que a grife surgiu por um acaso, por utilizar o turbante em seu dia a dia, sempre despertava a curiosidade de pessoas mais próximas, como onde havia comprado, como utilizar e até mesmo com o que combinar. E viu aí uma



oportunidade de negócio. Através disso, criou uma página na internet, por onde começou a vender seus turbantes e ensinar a usá-los, até chegar à marca que é conhecida hoje. Na figura 11, é possível observar Michelle ensinando amarrações de turbante (GELEDÉS, 2018).

Figura 11 - Michelle Fernandes ensinando amarrações com o turbante da marca Boutique de Krioula.



Fonte: Instagram (2021)

(<https://www.instagram.com/p/CTHybgML06W/>)

A Boutique surgiu com o intuito de resgatar a autoestima da mulher negra brasileira, no qual vemos hoje em dia que falta representatividade pelas grandes marcas, e ressaltar da melhor maneira o que a moda afro-brasileira pode oferecer (BOUTIQUE DE KRIOULA, 2021).

Além do trabalho em fazer com que as negras se sintam representadas, a marca procura recuperar a autoestima do público-alvo. Atualmente, a grife mantém



uma linha de acessórios como turbantes, brincos e afro-joias, além de roupas. No site da marca, pode-se encontrar informações específicas sobre a linha de joias, como brincos, colares desenhados à mão um a um, o que os tornam únicos e especiais, Também é possível através do site, entrar no canal da marca onde ensinam as mulheres a como usar seus produtos (BOUTIQUE DA KRIOULLA, 2021).

As joias são feitas com itens marcantes que representam a cultura africana, como símbolos, formas, mas especialmente as cores, são brincos, anéis e colares, denominados por afro joias. Como por exemplo o brinco com o formato do continente africano, que se pode observar na figura 12.

Figura 12 - Michelle Fernandes utilizando o brinco do continente africano da marca Boutique de Krioula.



Fonte: Instagram (2021)

(<https://www.instagram.com/p/CKUrSbKF3nl/>)

Os turbantes são uma das peças mais vendidas pela marca, os elementos são basicamente os mesmos, cores e estampas. Ela também possui uma plataforma digital com vídeos, para as consumidoras que queiram aprender estilos de amarrações, ou como combinar suas afro joias, ou até mesmo a como e onde usar o turbante certo em cada ocasião, por fim oferecendo gratuitamente dicas de moda afro. Diante disso, mulheres com insegurança por quererem usufruir da peça e estar tendo este contato com a compra pela primeira vez, podem buscar esse auxílio, pois mesmo para a mulher negra, o produto possa ser uma novidade em seu guarda roupa.

Muitas mulheres que se identificam com a peça, mas nunca tiveram contato com a mesma, acabam deixando de lado pois há um receio, devido ao preconceito que talvez sofrem na sociedade em que vivem. O objetivo do canal, é fazer com que essas pessoas se sintam mais incentivadas a usar o produto, as dando uma direção de por onde começar. Além de ser um método que desperta a atenção para conhecer o produto, acaba se tornando uma maneira de propagar a mercadoria, de uma forma mais barata e com grande alcance ao público por ter fácil acesso.

Temos um canal no YouTube onde ensinamos as mulheres como podem usar suas coroas indo para o trabalho ou para uma festa. E pra fortalecer o apego e valorização desta cultura no ano de 2013 iniciamos o projeto Workshop Rainhas Urbanas Boutique de Krioula que visa divulgar um pouco da história dos turbantes e uma gama de amarrações exclusivas para usar no dia-a-dia e empoderar-se (BOUTIQUE DE KRIOULA, 2021).

Nas figuras a seguir pode-se analisar mulheres brancas e negras, que fazem o uso do turbante, porém com propósitos diferentes. A primeira imagem é vista como um meio de apropriação cultural que a mídia se encarrega, de outro modo a segunda mostra a mulher que realmente tem a identidade e procura vestir aquilo que se sente à vontade.

Figura 13 – Mulheres usando turbante, para uma campanha publicitária trazendo apropriação cultural.



Fonte: Colunas Tortas (2021)

(<https://colunastortas.com.br/apropriacao-cultural/>)

Figura 14 – Mulher negra utilizando o turbante da marca Boutique de Krioula em seu dia a dia.



Fonte: Instagram (2021)

(<https://www.instagram.com/p/CRE-p8JF-ha/>)

Algumas mulheres brancas que despertam interesse pelos turbantes, também vão a busca para adquirir a peça alega Michelle (2018). Pois como já citado anteriormente neste trabalho, é visto por elas como tendência, por ver suas aparições em desfiles, na mídia, a mulher branca se apropriando da cultura africana, de maneiras nem sempre corretas.

Não é só um tecido, a mulher está resgatando uma mulher africana que foi trazida para o Brasil e ali resgata os ancestrais, se sente mais poderosa, vai chegar bem nos ambientes que ela for, mais segura, se reafirmando como mulher negra. Tem muita coisa por trás (FERNANDES, 2018).

Contudo, a apropriação cultural pode ser encontrada em suas peças através das estampas, modelos, turbantes e por fim sua representação da mulher negra em suas afros joias e na identidade da marca.

## 6.2 GOYA LOPES

Formada em artes plásticas, Goya é um dos principais nomes da moda nordestina, desde o lançamento de sua marca Didara (“bom”, na língua africana

ioruba) em 1986 na cidade de Salvador, onde nasceu. Naquele período, a designer voltava ao Brasil após concluir uma bolsa de estudos de design na Itália, onde passou a trabalhar em uma indústria têxtil de São Paulo. Assim, retornando a sua terra natal para colocar seu projeto de cultura em prática (GELEDÉS, 2010).

No começo, a marca tinha como objetivo principal retratar a questão afro-baiana, afim de atingir seu principal público-alvo os turistas. Sua loja era um espaço planejado para que transmitisse uma imersão e interação entre culturas, como por exemplo as técnicas de taipa de mão com aplicação de pinturas rupestres em seu revestimento interior, e o cuidado com a imagem passada pelos manequins e expositores de madeira, como retrata a figura 15.

Figura 15 – Loja física Didara criada por Goya Lopes.



Fonte: Salvador Bahia Brasil (2021)

(<https://www.salvadorbahia.com/experiencias/goya-lobes-design-brasileiro/>)

No entanto a criadora expandiu suas ideias com o intuito de trazer mais a integração das culturas africana e brasileiras na moda. Para Goya (2010), a valorização da cultura africana no país poderia ser mais abrangente se a população tivesse mais informação, ela afirma que “O brasileiro tem todo um orgulho do país, mas não busca o conhecimento. E é, a meu ver, justamente esse embasamento que falta para que exista um respeito” (LOPES, 2010).

A artista procura desenvolver suas estampas com personalidade própria, uma obra autoral que dialoga com as raízes africanas e indígenas e viaja com facilidade



pela cultura europeia e brasileira. A contribuição de seu trabalho para a moda afro-brasileira, gerou caminhos para a discussão de novas origens no campo. Foram mais de trinta anos de trabalho, até alcançar o mundo exterior. Seu acervo possui mais de mil criações, com desenhos e estampas com um símbolo brasileiríssimo, produtos com status de peça única e que transmitam não apenas o lado estético, traçadas, coloridas e enlaçadas numa linguagem e apelo universais. As estampas desenvolvidas pela designer podem ser transformadas em tecidos, que ademais irão se materializar em produtos de vestuário, como panos, lenços, torços, turbantes, camisetas, camisas, vestidos, batas, saias, shorts, calças, cangas, bolsas, sacolas e sapatos. E como decoração, é utilizado para a realização de colchas, jogos americanos, toalhas, fronhas e até papel de parede. A Figura 3 apresenta brevemente as variedades de sua produção (BONIFÁCIO, 2020).

Figura 16 – Artefatos da grife Didara criados por Goya Lopes.



Fonte: Trajetória e narrativas de Goya Lopes: por uma moda brasileira mais plural (2021)  
(file:///C:/Users/LG/Downloads/1237-Texto%20do%20artigo-3845-1-10-20201201.pdf)

A baiana através de suas criações faz história ao redor do mundo. Todo ano, a artista faz atualizações em suas coleções, além de ter uma aparência bem moderna, também destaca a origem étnica afro-brasileira.

O projeto Didara existe com esse objetivo há 20 anos. Cores fortes como o amarelo, laranja, vermelho e belos padrões africanos são as principais referências de suas peças, dando um tom único e especial as mesmas. A loja atende todos os tipos de segmentos, sendo eles masculinos, femininos e infantil.

A moda afro-brasileira ainda está muito longe de ser aceita dentro de um processo, porque ela exige uma produção, uma promoção, uma resposta positiva da mídia. A moda da diáspora étnica, da matriz africana, no mundo inteiro não tem essa resposta. Não é só a questão do trabalho, do talento, mas ela tem que ter uma resposta positiva em se tratando de resultado de venda, de mercado e de aceitação da mídia. Mas hoje, acredito que estamos numa situação bem melhor porque podemos trabalhar dentro do Brasil com a questão cultural e, principalmente, existe um potencial muito grande dentro da economia criativa. Hoje se acredita que seja uma mola propulsora no desenvolvimento. Então, por que não se trabalhar dessa maneira? Acredito que existe muita dificuldade, mas existe também uma grande possibilidade que é através da economia criativa (LOPES, 2012).

Atualmente, Goya continua trazendo essa referência de afro-brasileiros em suas criações, embora passou a investir na área de mercado com foco em tendências de moda, dando ênfase a moda praia e pós-praia, voltada para o público sofisticado feminino, que estreou no desfile da Bahia Moda Design com o intuito de trazer essa beleza a mais para as mulheres em seu tempo de lazer.

### **6.3 DRESSCORAÇÃO**

Baiana, negra, dedicada e linda, Luana Nascimento, conhecida como Loo Nascimento, é uma estilista, ativista e blogueira e fundadora da marca Dresscaração. Desde sua adolescência, adorava incentivar outras garotas, sobretudo meninas negras, a portarem a estética como instrumento político.

Achamos que essa admiração se deve ao nosso posicionamento em relação às questões sociais e raciais que nos cercam. Fomos educadas de forma consciente e isso com certeza se reflete na nossa personalidade e atuação na vida e nas mídias sociais, que é onde alcançamos visibilidade (NASCIMENTO, 2016).

Loo deu seu primeiro passo a partir de um blog pessoal, onde expressava suas paixões pela decoração e a moda, no qual foi se moldando como um projeto de referências de comportamento e estilo. Em 2012, se tornou empreendedora, no qual realizava camisetas com frases de empoderamento feminino, como por exemplo a frase “mamãe passou dendê em mim”, como pode ser visto na figura 17.

Figura 17 – Camiseta com frase de empoderamento feminino criada por Loo Nascimento.



Fonte: Instagram (2021)

(<https://www.instagram.com/p/BcaVQkPlr6d/>)

Atualmente, a designer continua investindo neste projeto com sua marca de roupas, trazendo essa riqueza de estampas brasileiras inspiradas no africanismo em roupas e acessórios oferecendo peças autorais unindo essa ancestralidade ao contemporâneo nomeado de Bráfrica em nós (GELEDÉS, 2016).

Bráfrica é o nome que dei para todo o mundo Dressscoração. O ideal sempre foi exaltar nossa herança afrobrasileira adormecida e marginalizada, mas sempre presente na moda e no geral. O conceito da marca é trabalhar com matérias prima produzidas no Brasil, que tenham inegavelmente o pé na estética e herança africana. Isso que chamamos da Bráfrica em nós (NASCIMENTO,2015).

Para a artista, a transcendência que a Dressscoração passa, é um tom de liberdade e autoconhecimento. A proposta de mostrar essas referências está interligado a exaltação estética nos consumidores, mostrar a eles que não há regras para você ser quem você é e se expressar através do que veste. Na figura 18 pode-se admirar um dos looks da marca, cujo objetivo é empoderar a mulher negra que faz uso da peça e enaltecer sua beleza.

Figura 18 – Camila Pitanga e Loo Nascimento utilizando um dos looks da Dresscoração.



Fonte: Instagram (2021)

(<https://www.instagram.com/dresscoracao/>)

Ademais, deve ser afirmado que a baiana não está sozinha nesta missão. Sua irmã, Luma Nascimento, é sua socia neste projeto e revende as peças em Salvador, cidade natal de ambas. Luma (2016) afirma que “O intuito é evidenciar a existência e o protagonismo de mulheres negras brasileiras em seus diversos campos de atuação”. Hoje em dia, a designer é moradora na cidade de São Paulo, e com isso leva seu projeto para importantes eventos, trazendo inspiração para muitos e a riqueza em forma de estampas.

#### **6.4 CAROL BARRETO**

Carolina Barreto nasceu em uma pequena cidade chamada Santo Amaro da Purificação, no interior da Bahia, onde teve seu primeiro contato com a moda ainda na infância, e mesmo tão jovem, acreditou que poderia seguir como sua profissão no



futuro, através de compras de revistas de moda, pode perceber que havia escolas que ensinavam o que ela já alternava em seus cadernos do jardim de infância, a figura da mulher negra na moda através de seus desenhos (FFW, 2020).

Ao se entender como uma mulher negra por ainda muito jovem, Carol pode perceber o papel do racismo em sua vida e nas vidas de muitos em sua comunidade, à colocando em uma posição de se dedicar mais ainda aos estudos. Ela sempre prestou atenção às questões relacionadas ao seu pertencimento e origem, expressando-os por meio da linguagem, tentando quebrar os estereótipos associados à imagem da mulher negra.

Sua marca é voltada para mulheres jovens de corpo e espírito, interessadas na vestimenta semântica, no qual é um ramo da linguística que analisa o significado de palavras, frases e textos de uma língua. Na Figura 19 vemos Karolina Barreto (BERNELLI, 2017, p.39).

Figura 19 – Carolina Barreto em mostra canadense onde homenageou lemanjá.



Fonte: Alô alô Bahia (2021)

(<https://alolobahia.com/notas/olho-nela-carol-barreto-vai-participar-da-black-fashion-week-paris>)

Feminista que se opõe ao racismo e a qualquer forma de preconceito, Carol é professora em design de moda na UFBA. Seus conhecimentos acadêmicos e sua criatividade estão sempre interligados no mundo da moda, especialmente na indústria da moda afro-brasileira. Em 2014, no dia da celebração da consciência negra, a

designer apresentou uma aula sobre como é ser uma mulher, negra e criativa no Brasil. Para ela, a resposta é o empoderamento, assim passando a conceber as mulheres negras a se sentirem representadas por sua marca. Percebe-se que para muitas mulheres, negras ou não, Carol é modelo de autoestima, atitude, criatividade e autonomia intelectual e criativa, manifestando tais atos por meio de sua marca e incorporando essa essência em cada peça produzida. A apropriação cultural vem da rua, de sua vida e experiência (BERNELLI, 2017, p.40).

A consciência de ser mulher negra é o que me move, me empodera e me inspira. Desde jovem eu não me sentia representada pelo Dia da Mulher, até entender a diferença do que é ser uma mulher negra. Então, o que me inspira? A minha identidade como mulher negra e as descobertas que vou colecionando ao longo da minha caminhada. Esse foi um divisor de águas: o modo como eu passei a lidar com as coisas era outro, o modo como as pessoas passaram a me ver era outro e como criavam ou não expectativas sobre o meu trabalho também (BARRETO, 2014).

Em todas as grifes citadas nesta monografia, cujo objetivo principal é a representatividade e o empoderamento da mulher negra, é de se observar que as marcas utilizam as próprias mulheres negras em suas propagandas como intuito de fazer com que eles se sintam realmente representadas. Com isso, as modelos utilizadas são próprias para transpassar esta imagem, como pode ser observado na figura 20.

Figura 20 – Ensaio da coleção linhas vivas por Carol Barreto, apresentada na Dakar Fashion Week em Senegal.



Fonte: No Brasil (2021)

(<http://nobrasil.co/elas-nos-representam-o-modativismo-de-carol-barreto/>)

Seu trabalho gerou alcance internacional estando presente em semanas de moda como Paris, na França, Dakar, no Senegal e Luanda, na Angola. Além de já ter sido exibidos também em galerias de arte por outros países do mundo como Chicago e Nova York, nos Estados Unidos, Toronto, no Canadá, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, no Brasil, Cidade do México, no México, dentre outros (FFW,2020).

A designer alega ser algo de suma importância apresentar a cultura afro brasileira, em lugares que há pouca movimentação deste público em questão, pois além de estar espalhando elementos dessa cultura riquíssima, está representando muitas mulheres negras que nunca tiveram a oportunidade de estar em seu lugar de fala.

No histórico do estudo do feminismo e das mulheres negras, a gente sabe que todo esse estereótipo de mulher frágil e do dia que saiu pra rua para trabalhar, da luta para ter determinados direitos, nunca foi, necessariamente, uma característica nossa. Se a gente revisita essa história dos processos de empoderamento e de resistência das mulheres negras, a gente sabe que a

nossa história é muito diferente. E é isso que faz com que nós, quando alguém vem perguntar o que foi difícil na sua trajetória, nem saiba ao certo dizer o que foi, já que tudo, todos os dias, é tão difícil (BARRETO, 2014).

Carol Barreto procura trabalhar em cada detalhe de suas coleções, explorando o africanismo, com o intuito de transformar o mundo das mulheres negras mais coloridos, as deixando mais empoderadas e fazendo com que se sintam representadas. Em suas coleções utiliza-se então, o cabelo natural da mulher negra, turbantes bem chamativos, com cores que lembram a cultura africana, roupas mais amplas, raramente justas ao corpo, acessórios típicos, como colares e pulseiras coloridos de formato mais largos, estampas étnicas, e muito mais como pode-se observar na figura 21.

Figura 21 - Carol Barreto apresentando a coleção Vozes no Black Fashion Week Paris.



Fonte: Agência Patrícia Galvão (2021)

(<https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/racismo/nas-passarelas-brasil-ainda-e-branco-e-de-olhos-azuis/attachment/carol-barreto-black-fashion-week/>)

Vale ressaltar que ser negro não é moda, e muito menos tendência, como a maioria das pessoas que não procuram entender sobre o caso acreditam que seja, que a apropriação cultural africana no Brasil é atemporal.

O nosso cabelo não é uma tendência, o uso da capulana como material têxtil para as nossas roupas não é tendência, também. É, sim, produção de conhecimento afro referenciado, com entendimento de que a gente, na construção da moda afrobrasileira, não necessariamente responde a um

padrão único, porque somos pessoas negras resultantes de uma diversidade de culturas e de posicionalidades enorme (BARRETO, 2020).

Nas quatro marcas apresentadas, ambas possuem um pensamento coletivo muito forte em representar as mulheres negras que já sofreram ou sofrem até hoje com o racismo e preconceito, por serem negras, ou simplesmente por serem mulheres, mas que desejam dar a volta por isso de tudo isso buscando grifes que as representem, através da apropriação cultural africana, elevando sua autoestima cada vez mais e principalmente trazendo esse poder que ficou escondido por muito tempo.

Nota-se que o mercado de moda afro brasileira vem crescendo muito ultimamente, a busca por produtos com roupas, acessórios, vem aumentando gradativamente. Antigamente pessoas negras realizavam suas compras em lojas de departamento “comuns”, ou seja, votadas mais para pessoas brancas. Hoje, consegue-se encontrar facilmente lojas específicas, onde buscam se sentir mais confortáveis e representados com sua cultura.

Entretanto, a designer alega que, no Brasil a moda ainda é voltada para o padrão mais eurocêntrico, onde as mulheres são representadas pela cultura europeia e estadunidense, sem se importar com a verdadeira representatividade.

Sonho em desfilas em outras semanas de moda especialmente no continente africano, estabelecendo essa conexão com outras mulheres na Diáspora e assim, conseqüentemente, despertar o entendimento de que nossas escolhas como designers, pesquisadoras ou militantes são tanto estéticas como também éticas e que cada escolha impacta na construção da imagem e das identidades alheias (BARRETO, 2014).

Para Carol não há dúvidas, quando o assunto é se tornar porta-voz de todas as mulheres negras do mundo, seu objetivo cabe em disseminar suas belezas, construir uma força única, empoderando-as as terem um livre arbítrio de si e representa-las cada vez mais, as fazendo conquistar seu espaço que um dia foi tomado a força.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moda afro-brasileira vive sendo mantida como uma referência étnica para se criar novos estilos e assim atender as necessidades do mercado. Analisando a relação entre identidade e a cultura afro-brasileira, pode-se perceber que a história dos negros esteve relacionada ao fortalecimento dos laços e vínculos construídos por essa população, com objetivo de firmarem suas raízes culturais, afim de valorizar e espalhar seus costumes e crenças, planejando à reconstrução de uma identidade marcada na luta contra a escravidão e combate ao preconceito.

Na história, os negros sempre vivenciaram tentativas pertinentes para resgatar sua cultura e identidade, e obter o reconhecimento social. A moda afro-brasileira visa trabalhar com a exposição da construção da identidade, principalmente ligada as políticas afirmativas, pois através da aparência das roupas criadas pelos estilistas aos consumidores procuram expor valores positivos trazendo essa autovalorização do negro.

De acordo com as referenciais levantadas neste trabalho, afirma-se que a moda afro brasileira apresenta grande importância para o crescimento no mercado brasileiro. As mulheres negras possuem total liberdade para escolher vestir o que as deixam confortáveis e o que as representam melhor, uma vez que a moda está gerando essas oportunidades para essas consumidoras, as dando opções de escolha. No entanto, este segmento que efetivamente atua no mercado brasileiro, ainda está em expansão apesar de ainda encontrar-se muitos obstáculos. As marcas ainda não possuem tantas consumidoras, como deveriam ter, porém trabalham muito em questão de divulgações de seus produtos para mudar este fato, ademais tudo que está envolvido com a mídia se torna um fator influente na decisão do consumidor.

A moda brasileira está moldando junto dá evolução do mundo, a mulher negra está tendo mais aparições e de forma certa, sem vergonha de mostrar quem realmente é, exaltando sua cultura, expressando tudo o que pensa, sem medo algum de usar seu cabelo natural, usar suas peças de roupas que não são encontradas em lojas de departamentos, com o intuito de ser representada de verdade, mostrando que não é “moda ser preto”, tornando-se tudo mais leve, mesmo que a batalha por isso seja extensa, já está sendo feita.

As grifes baianas analisadas nesta monografia, Boutique da Krioulla, Goya Lopes, Dresscoração e Carol Barreto, buscam referências étnicas africanas nos antepassados para desenvolver a moda afro-brasileira, além de desenvolverem suas coleções voltadas para suas experiências pessoais, suas histórias, valores e até mesmo seus papéis sociais vinculados ao produto de moda, com objetivo de trazer essa representatividade ao seu público-alvo. As estilistas são exemplos fortíssimos no mercado de que, as classes dominadas são capazes de ter opções de escolha, que possam ir além do que é imposto a todas as mulheres, terem peças que as representem de fato, a identidade da mulher negra brasileira, que se mostra cada dia mais empoderada, porque poderosa, ela sempre foi.

## REFERÊNCIAS

BERNELLI, Cassiane Teixeira. **O empoderamento da mulher negra através da roupa de grifes de moda brasileiras**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Moda) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BONIFÁCIO, Bruna Carmona. **Trajetória e narrativas de Goya Lopes: por uma moda brasileira mais plural**. 2020. 25 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

BOUTIQUE DE KRIOULA. **Quem Somos**. 2021. Disponível em: <https://www.boutiquedekrioula.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 18 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 19 de ago. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm). Acesso em: 19 de ago. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm). Acesso em: 19 de ago. de 2021.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Símbolos Adinkra**. 2021. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-adinkra/>. Acesso em: 12 set. 2021.

FFW (org.). **Carol Barreto fala sobre Modativismo e o reconhecimento da autenticidade cultural preta**. 2020. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/potencialidades-carol-barreto-fala-sobre-modativismo-e-o-reconhecimento-da-autenticidade-cultural-preta/>. Acesso em: 17 set. 2021.



FREYRE, Gilberto. Aspectos da influência africana no Brasil. **Revista del Cesla**, Uniwersytet Warszawski Varsovia, Polónia, v. 7, p. 369-384, 2005. Disponível em: <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/264/260.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Modos de homem e modas de mulher**. São Paulo: Global, 2012. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Modos\\_de\\_homem\\_e\\_modas\\_de\\_mulher/iK5cBAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=freyre+mulher&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Modos_de_homem_e_modas_de_mulher/iK5cBAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=freyre+mulher&printsec=frontcover). Acesso em: 14 set. 2021.

GAMA, Isabela Caroline de Aguiar. **O peso do racismo sob a estética da mulher negra: Um paradoxo da isonomia social brasileira**. Xcopene Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia, 2018. P. 2 – 17.

GELEDÉS (org.). **Irmãs baianas empreendem e viram símbolos de estética e empoderamento negro**. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/irmas-baianas-empreendem-e-viram-simbolos-de-estetica-e-empoderamento-negro/>. Acesso em: 16 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Michelle Fernandes, a dona do poder de transformar mulheres em rainhas africanas**. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/michelle-fernandes-a-dona-do-poder-de-transformar-mulheres-em-rainhas-africanas/>. Acesso em: 15 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **“Hoje em dia tudo é apropriação cultural”**. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-em-dia-tudo-e-apropriacao-cultural/>. Acesso em: 14 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **A designer baiana Goya Lopes e suas criações**. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-designer-baiana-goya-lopes-e-suas-criacoes/>. Acesso em: 16 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **A História da Escravidão Negra no Brasil**. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>. Acesso em: 03 de ago. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Importante nome da moda baiana, Goya Lopes prevê novos caminhos para suas criações afro-brasileiras**. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/importante-nome-da-moda-baiana-goya-lobes-preve-novos-caminhos-para-suas-criacoes-afro-brasileiras/>. Acesso em: 16 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Stephanie Ribeiro: Afinal o que é apropriação cultural?** 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/stephanie-ribeiro-afinal-o-que-e-apropriacao-cultural/>. Acesso em: 12 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Violências invisíveis: dados sobre a violência contra a mulher negra**. 2017. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/violencias-invisiveis-dados-sobre-violencia-contramulher-negra/?gclid=Cj0KCQjw1dGJBhD4ARIsANb6Odl08JXDfL1OowcUPuhtPBGmn5yNSa3on71PqcvkdtxnbySrlo2pLQkaApeeEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/violencias-invisiveis-dados-sobre-violencia-contramulher-negra/?gclid=Cj0KCQjw1dGJBhD4ARIsANb6Odl08JXDfL1OowcUPuhtPBGmn5yNSa3on71PqcvkdtxnbySrlo2pLQkaApeeEALw_wcB). Acesso em: 05 set. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: [http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf). Acesso em: 18 set. 2021.

HARGER, Patrícia Helena Campestrini. **Identidade afro-brasileira e moda**. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pósgraduação em Políticas Públicas, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. Acesso em: 18 set. 2021.

LIMA, Diane. **Elas nos representam: o modativismo de Carol Barreto**. 2014. Disponível em: <http://nobrasil.co/elas-nos-representam-o-modativismo-de-carol-barreto/>. Acesso em: 17 set. 2021.

MARCIA. **Turbantes, moda e racismo.** Disponível em: <https://historiahoje.com/turbantes-moda-e-racismo/>. Acesso em: 06 set. 2021.

NASCIMENTO, Luana. **BRÁFRICA EM NÓS!** 2020. Disponível em: <https://www.dresscoracao.com.br/sobre>. Acesso em: 17 set. 2021.

OLIVEIRA, Francelene Costa de Santana. **Mulheres negras letras e literatura: Uma Análise da Condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX.** 2014. Monografia. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2014.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007. 184 p. Disponível em: [file:///C:/Users/LG/Downloads/310564251\\_Minha\\_Historia\\_Das\\_Mulheres\\_Mi.pdf](file:///C:/Users/LG/Downloads/310564251_Minha_Historia_Das_Mulheres_Mi.pdf). Acesso em: 08 ago. 2021.

PORTAL DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA. **Evolução Histórica.** Disponível em: [https://www.faecpr.edu.br/site/portal\\_afro\\_brasileira/3\\_III.php](https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_III.php). Acesso em: 11 de set. de 2021.

PORTO, Ivan Luis S.; FRANCISCO, Jennifer K. S. **Moda Ayê: Guia de elementos afro-brasileiros para moda Aye Fashion.** In: IV Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, Curitiba, 2011. Anais. Curitiba: UTFPR, 2011.

REDAÇÃO. **Loo Nascimento & Dresscoração: A moda Bráfrica Bafonica.** 2015. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/7655/loo-nascimento-dresscoracao-a-moda-brafrica-bafonica>. Acesso em: 15 set. 2021.

RETRATO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA. Brasília: Editorial do Ipea, v. 4, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 11-184. Disponível em:

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/sociologia/povo\\_brasileiro.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/povo_brasileiro.pdf). Acesso em: 02 ago. 2021.

SAFIOTTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 11-38. Disponível em: [file:///C:/Users/LG/Downloads/safiotti\\_heleieth\\_-\\_genero\\_patriarcado\\_e\\_violencia\\_1.pdf](file:///C:/Users/LG/Downloads/safiotti_heleieth_-_genero_patriarcado_e_violencia_1.pdf). Acesso em: 19 de ago. de 2021.

SALVADOR BAHIA BRASIL. **Goya Lopes – Design Brasileiro: a busca do belo em traços, formas e cores**. Disponível em: <https://www.salvordabahia.com/experiencias/goya-lobes-design-brasileiro/>. Acesso em: 16 set. 2021.

SARAIVA, Emmanuel de Jesus. **A influência da cultura negra na formação da cultura brasileira**. São Luís: Clube de Autores, 2017. 158 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=wQFyDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA8&dq=A+INFLU%C3%8ANCIA+DA+CULTURA+NEGRA+NA+FORMA%C3%87%C3%83O+DA+CULTURA+BRASILEIRA&ots=0t3-3uGiL&sig=-ufm9WaNGb7OBLanDwySoVjE9M4#v=onepage&q=A%20INFLU%C3%8ANCIA%20DA%20CULTURA%20NEGRA%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DA%20CULTURA%20BRASILEIRA&f=false>. Acesso em: 07 set. 2021.

VIEIRA, Clarice Barbosa. **A questão racial e cultura afro-brasileira: um estudo acerca dos livros didáticos**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Assistente Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no brasil**. Brasília: Flacso Brasil, 2015. 83 p. Disponível em: [https://apublica.org/wp-content/uploads/2016/03/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](https://apublica.org/wp-content/uploads/2016/03/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf). Acesso em: 05 set. 2021.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt->

BR&lr=&id=xoXUDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=apropria%C3%A7%C3%A3o+cultural&ots=m8-nTyVm1Y&sig=IkJ-vDpH9hS2u5hPK8X-LhjKKNw#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 12 set. 2021.